

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILM COM O DIA MAIS CURTO
21 de dezembro de 2021

A SEA CAVE NEAR LISBON / 1896
(A Boca do Inferno)

de Henry Short

Realização: Henry Short / *Produção:* Robert William Paul / *Cópia:* 35 mm, muda, intertítulos em português / *Duração:* 1 minuto / *Estreia Mundial:* 29 de outubro de 1896, Real Coliseu de Lisboa.

FADO LUSITANO / 1995

de Abi Feijó

Realização e Direção de Fotografia: Abi Feijó / *Story-board:* Abi Feijó, Óscar Branco, Luís Mareante, Pedro Serrazina, Teresa Feijó, Clídio Nóbio e Maria Moreira da Silva / *Animação e Artes Finais:* Abi Feijó, Zé Carlos Pinto, Regina Pessoa, Graça Gomes / *Design:* Abi Feijó, Regina Pessoa e Graça Gomes / *Som:* Fernando Rangel / *Produção e Produção Executiva:* Jorge Neves / *Coprodução:* Filmógrafo / Halas & Batchelor / *Música:* Manuel Tentúgal / *Voz:* Mário Viegas / *Cópia:* 35 mm, cor, falado em português / *Duração:* 6 minutos / *Estreia Mundial:* Novembro de 1995, Cinanima, Espinho.

TRÁFEGO E ESTIVA / 1968

de Manuel Guimarães

Realização e Montagem: Manuel Guimarães / *Direção de Fotografia:* Abel Escoto, Aquilino Mendes e Ferreira dos Santos / *Texto:* Manuel Magro / *Voz:* Luiz Filipe Costa / *Música:* Carlos Paredes / *Som:* Luiz Barão / *Efeitos Sonoros:* Alexandre Gonçalves / *Produção:* Ricardo Malheiro (Cultura Filmes) / *Chefe de Produção:* Almeida Santos / *Assistente de Imagem:* Emílio Pinto / *Assistente de Montagem:* Emília D'Oliveira / *Cópia:* Ficheiro (digitalização Ultra HD realizada pela Cinemateca Portuguesa em 2021), cor, falado em português / *Duração:* 17 minutos / *Estreia Mundial:* 29 de outubro de 1968, Lisboa.

... E ERA O MAR / 1966

de José Fonseca e Costa

Realização e Montagem: José Fonseca e Costa / *Assistência de Realização:* Edgar Gonsalves Preto / *Assistência de Montagem:* Noémia Delgado / *Direção de Fotografia:* Elso Roque / *Música:* César Franck (excertos das *Variações Sinfónicas*) / *Som:* Heliodoro Pires (engenheiro de som), Alexandre Gonçalves (efeitos sonoros) / *Produção:* Francisco de Castro / *Cópia:* Ficheiro (digitalização Ultra HD realizada pela Cinemateca Portuguesa em 2021), cor, sem diálogos / *Duração:* 12 minutos / *Estreia Mundial:* Dezembro de 1966, Lisboa.

NÁUFRAGOS / 2018

de Pedro Neves

Realização e Montagem: Pedro Neves / *Argumento:* Pedro Neves, Bruno Ramos, Diogo Baptista, Henrique Maia, Joana Barbosa, Maria Marques / *Direção de Fotografia:* Pedro Neves, Bruna Nunes, Bruno Ramos, Diogo Baptista, Henrique Maia, Joana Barbosa, Maria Marques /

Produção: Nuno Rodrigues, Curtas Metragens C.R.L. / *Som:* Bruna Marques, Bruno Ramos, Diogo Baptista, Henrique Maia, Joana Barbosa, Maria Marques / *Cópia:* DCP, a preto e branco, falado em português / *Duração:* 17 minutos / *Estreia Mundial:* Julho de 2018, no Curtas Vila do Conde Festival Internacional de Cinema / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

SUPERFÍCIE / 2007

de Rui Xavier

Realização, Argumento e Montagem: Rui Xavier / *Direção de Fotografia:* Ana Eliseu / *Som:* Patrícia Bateira / *Interpretações:* Angelo Torres, José Mendes, Marcello Urgeghe, Paca / *Produção:* Rui Xavier e Fundação Calouste Gulbenkian / *Cópia:* DCP, cor, falado em português / *Duração:* 13 minutos / *Estreia Mundial:* 8 de fevereiro de 2008, Festival de Cinema de Berlim.

THORNS AND FISHBONES / 2020

(Lascas)

de Natália Azevedo Andrade

Realização e Argumento: Natália Azevedo Andrade / *Direção de Fotografia:* Balázs Varju Tóth / *Montagem:* Vanda Gorács / *Som:* Csaba Kalotás, André Aires / *Animação:* Kása Károly Papp, Gábor Mariai, Natália Azevedo Andrade, Bence Hlavay / *Produção:* József Fülöp - Moholy-Nagy University of Art and Design Budapest / *Vozes:* Eli Andrade Kim, Bence Balogh Somogyi, Joey Walker / *Cópia:* DCP, cor, falado em inglês com legendas em português / *Duração:* 10 minutos / *Estreia Mundial:* 3 de maio de 2020, no Flatpack Filmfest em Birmingham, Reino Unido / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração aproximada da sessão: 76 minutos.

Esta sessão decorre no âmbito do projeto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, com o apoio do programa EEAGRants 2020-2024, e integrada no programa O DIA MAIS CURTO, organizado pela Agência da Curta-metragem.

Com as presenças de Abi Feijó e Natália Azevedo Andrade.

Este programa de curtas é dedicado ao tema do mar como personagem definidora da história de um território e de um povo, e tem como nome do meio “diversidade” – é o mar e o que fazemos nele ou com ele que a propicia. Apesar da variedade temática, é relativamente clara a preponderância de filmes (institucionais, pedagógicos ou comerciais) feitos por encomenda, consubstanciando, não obstante, maneiras de subverter a proposta de fazer do cinema mero suporte publicitário, e também o percurso histórico quase alucinante, uma vez que, em menos de uma hora e vinte minutos, vamos dos primórdios do cinema, cerca de um ano depois da projeção das primeiras curtas Lumière no Salão Indiano, até à contemporaneidade, no ainda bem presente ano pandémico de 2020.

Comecemos então por colar as pontas, pondo em diálogo “a vista” do inglês Henry Short e a curta de animação da jovem cineasta bracarense Natália Azevedo Andrade. Não foi a mando mas sob a decisiva influência do pioneiro do cinema britânico, Robert William Paul, que Henry Short transformou uma viagem de Verão à Península Ibérica num pretexto para acrescentar um ponto e vírgula à recém começada História do Cinema. Short era tão próximo de Paul que figurou naquele que é considerado o primeiro filme bem sucedido rodado no Reino Unido e hoje considerado perdido, apenas sobrevivendo alguns fotogramas. Ora, foi durante a sua estada em Cascais que Short realizou – e Paul produziu – aquele que viria a ser simultaneamente um

dos seus filmes mais populares dos primórdios anos do cinema britânico e um dos primeiros – se não o primeiro – alguma vez rodado em território nacional e apresentado em público: **A Sea Cave near Lisbon**. Na película, descoberta e preservada por iniciativa do fundador da Cinemateca Portuguesa, Manuel Félix Ribeiro, vemos pouco mais do que um lampejo da célebre “Boca do Inferno”, localizada na Costa da Guia, em Cascais. O nome desta formação rochosa, contra a qual o mar embate furiosamente, remete-me para o começo de uma história trágica ou cheia de *pathos*, envolvendo quiçá pescadores em dia de temporal, à maneira de um documentário ficcional como **Man of Aran** (1934) de Robert Flaherty ou de uma ficção documental como **The Edge of the World** (1937) de Michael Powell. O trágico cenário marítimo não é tão raro quanto isso na vasta costa portuguesa, onde a pesca foi ou continua sendo uma das principais atividades económicas. Com efeito, o filme **Náufragos**, realizado em Vila do Conde, ilustra bem esta relação tremenda com o mar no tempo presente, contando as desventuras daqueles que partiram e não regressaram ou daqueles que ficaram em terra e a quem a dor não cessa de dar à costa.

Pode também a falésia ser como a boca que engole tudo, antecipando talvez o mais brilhante filme britânico dos anos pioneiros, **The Big Swallow** (1901) de James Williamson. Nesse sentido, **A Sea Cave near Lisbon** parece devorar o cinema propriamente dito, em toda a sua potência fabulária ou alegórica. É aqui que entra, nesta equação complexa, a última curta-metragem deste grupo, o filme de animação, misturando *stop-motion* com a técnica da animação 2D, **Thorns and Fishbones**. Natália Azevedo Andrade transforma o mar numa espécie de ecrã mutante onde ressalta o interior agitado, tempestuoso, de uma mãe “engolida” por um qualquer estado depressivo que vai e vem como as marés, mostrando-se, enfim, incapaz de lidar com a condição materna. Como confidenciou a realizadora numa nota de intenção publicada no *site* do Festival Caminhos do Cinema Português, a “fábula” agreste de **Thorns and Fishbones** nasceu de uma infância marcada pela doença mental e por um sentimento de isolamento. Do primeiro dos filmes para esta produção, realizada no âmbito de uma pós-graduação completada na Hungria, na Moholy-Nagy University of Art and Design Budapest, o mar passa de um cenário que promete uma tragédia qualquer para um *décor* quase puramente mental que procura “agarrar” aquilo que tanto nos escapa no mundo visível: os vários naufrágios a que se presta uma vida interior à deriva.

“Foi no mar que encontrámos o nosso caminho”, diz a narração de **Fado Lusitano**, uma obra epopeica caracterizada por um claro pendor pedagógico. Da autoria do príncipe da animação portuguesa, Abi Feijó, **Fado Lusitano** faz do mar fonte e agente fundamental para se perceber a história do nosso país, do período expansionista dos Descobrimentos ao isolamento martirizado do salazarismo, incluindo ainda uma bicada final à entrada de Portugal na CEE, com Cavaco Silva a liderar o caminho em direção ao “Game Over” da “boa/má moeda” europeia. Independentemente de poder parecer ao espectador de hoje algo desatualizada a visão romântica que apresenta sobre a alegada bonomia da colonização portuguesa, a animação em recortes é deliciosa e uma justa caricatura de uma história feita em dois tempos: ora expandindo-se e dando “novos mundos ao mundo”, ora retraindo-se e “miserabilizando-se”, em penúria, fados e saudadinhas.

Enfim, há o mar que *dá* (sustento e até fortuna) e *tira* (isola e engole). A ficção de Rui Xavier **Superfície**, em segunda passagem na Cinemateca Portuguesa, de alguma maneira condensa os dois verbos, numa reflexão extremamente audaz (quase muda!) sobre o problema dos refugiados que dão à costa em condições desumanas. A tragédia “bóia”, digamos assim, passando subtilmente o foco dramático do filme da subjetividade do protagonista, interpretado por Marcello Urgeghe, para a condição do grupo de refugiados que o salva depois de um descontraído banho no mar se ter convertido numa situação de vida ou morte.

É interessante encontrar dois nomes maiores do cinema português em momentos quase opostos na carreira, mas produzindo dois filmes-encomenda que resultam em pequenas curiosidades nas suas respetivas obras: Manuel Guimarães, autor de um “neorrealismo à portuguesa”, em

filmes como **Saltimbancos** (1951) e **Nazaré** (1952) (outra vez o mar e a sua lutuosa história de naufrágios...), que em 1968 lança “o primeiro filme rodado em 70 mm” (formato com vida curta em Portugal), e José Fonseca e Costa, no dealbar da sua carreira, com pouco mais de 30 anos e sob influência dos ensinamentos do seu mestre Michelangelo Antonioni (de quem foi assistente estagiário na rodagem da obra-prima **L’eclisse** [1962]), tornando-se um ativíssimo produtor de filmes publicitários e documentários até à conclusão da década de 60.

O primeiro filme, **Tráfego e Estiva**, é uma produção apoiada por várias empresas ligadas aos serviços de estiva, mapeando (e cantando) a atividade portuária do país, entre Lisboa e Leixões, onde se situa o maior porto artificial de Portugal. Apesar do texto e da narração denotarem um formalismo assaz televisivo, Guimarães tira máximo proveito do largo formato para mostrar a cidade de Lisboa (de cores vivas) a partir do rio, vagamente à maneira das sinfonias urbanas, tais como **Rien que les heures** (1926) de Alberto Cavalcanti ou mesmo **Douro, Faina Fluvial** (1931) de Manoel de Oliveira, estabelecendo ainda uma relação conseguida com a música vibrante de Carlos Paredes. Por sua vez, o filme de José Fonseca e Costa, **E era o mar...**, é uma suposta obra publicitária, encomendada por um hotel junto à praia de Sesimbra, mas acaba por resultar num exercício formal sobre a linha pura da arquitetura (sinal de uma certa influência modernista de Antonioni?) face-a-face com a paisagem primordial feita de rocha e mar, tirando partido estético – mas também dispensando o comentário social ou político por vezes amesquinizador de documentários do género – de duas atividades ligadas ao mar: o trabalho (pesca) e o lazer (turismo). Talvez seja a visão mais burguesa que podemos ter do mar neste lote de filmes, mas é a mais plasticamente inspirada e, em certo sentido (o que surpreende se pensarmos que é o mais “comercial” destes títulos), fruto de uma assinalável (até louca) liberdade formal, só comparável à de Henry Short quando, em 1896, se foi – e nos foi – “enfiar” na “Boca do Inferno”.

Luís Mendonça